



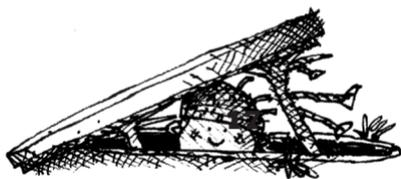
Capítulo 1

A chegar!

Era já tarde numa noite de domingo e a cidade de Ponte do Rato erguia-se silenciosa, brilhando em tons de cinzento e prateado sob a luz do luar. A chuva do fim da tarde lavara a nuvem de fumo que normalmente pairava sobre a cidade e, agora, as compridas sombras das chaminés da fábrica caíam sobre poças oleosas nas ruas desertas. A cidade descansava.

Na viela que se estendia por trás da Rua Principal, a pesada tampa de ferro de um buraco de esgoto, localizado entre as pedras da calçada, mexeu-se. Algo empurrava a tampa a partir de baixo.

Um dos lados da tampa levantou-se alguns centímetros e, por baixo, surgiram uns olhos que observaram atentamente a viela. A tampa do esgoto levantou-se mais um bocadinho e depois deslizou para o lado. A cabeça de



um rapaz, coberta com um capacete de lã equipado com nove ou dez antenas, ergueu-se do buraco e olhou em volta. Depois o rapaz fechou os olhos e ficou à escuta. Por momentos, tudo permaneceu em silêncio, mas a quietude foi quebrada pelo distante latido de um cão a ecoar nas paredes. Depois o silêncio regressou. O rapaz abriu os olhos, pôs as mãos fora do buraco de esgoto e soergueu-se, saindo para a viela. Estava vestido de uma forma muito estranha, com um comprido manto que se estendia até ao chão e era feito de um material de corda macia entretecida, por baixo do qual usava umas curtas jardineiras feitas de sacas de açúcar velhas. Os seus pés estavam envoltos em várias camadas de pano grosseiro amarradas com um cordel.

Em volta do corpo, o rapaz usava uma estranha engenhoca fixada por correias de cabedal largas: na zona do peito tinha uma caixa de madeira com uma manivela de enrolar de um dos lados e dois botões de latão e um manípulo na parte da frente. Além disso, um tubo de metal flexível ligava a caixa às costas do rapaz e a um par de asas feitas de cabedal, madeira e latão, que nesse momento estavam fechadas.

O rapaz empurrou a tampa de esgoto, voltando a fechá-la, depois levou a mão ao interior das jardineiras e puxou para fora um boneco vestido exatamente como ele. A seguir, levantou o boneco e falou.

— Avô, já estou à superfície. Parece-me que esta noite vou ter de me dedicar à horticultura. É domingo e está tudo fechado. Os caixotes do lixo que estão atrás da estalagem devem estar vazios.



Ouviu-se então um ruído de estática e uma voz aguda saída do boneco disse: — Bem, tem cuidado, Artur! E lembra-te de só apanhar coisas das hortas maiores... e, mesmo assim, só se tiverem muita variedade! Há muitas pessoas que só conseguem sobreviver cultivando os seus próprios alimentos.

O Artur sorriu. Já ouvira este conselho muitas vezes no passado, por isso retorquiu: — Não te preocupes, Avô, não me esqueci! Encontramo-nos outra vez assim que eu terminar.

O Artur voltou a colocar o boneco no interior das jardineiras e depois começou a rodar a manivela da caixa que levava presa ao peito e que fez um suave barulho de engrenagens a girar. Rodou a manivela durante quase dois minutos, parando ocasionalmente quando a mão lhe começava a doer. Por fim, ouviu-se o som de uma campainha a tinir, vindo algures de dentro da caixa, e o Artur parou de rodar a manivela. Depois, agachado, olhou para a linha do horizonte e premiu um dos botões. As asas que levava às costas abriram-se e, nesse momento, ele premiu o outro botão, ao mesmo tempo que saltava o mais alto que conseguia. Silenciosamente, as asas começaram a deslocar o ar à medida que ele saltava. Quando atingiam o seu ponto mais baixo, dobravam-se pela metade, depois subiam e, por fim, voltavam a descer. As asas mantinham o rapaz a pairar no ar, uns quantos centímetros acima do chão. O Artur levou a mão ao manípulo, ajustou-o ligeiramente e, ao mesmo tempo, inclinou-se para a frente. Subitamente, começou a deslocar-se. O rapazinho sorriu... estava a voar.

Deslocou-se lentamente, descendo a viela e mantendo-se abaixo do cimo dos muros que a ladeavam. Quando chegou ao fim da viela, ajustou novamente o manípulo



e subiu até um espaço situado entre os telhados gêmeos da Fábrica de Cola. O Artur conhecia os caminhos que estavam a salvo dos olhares dos habitantes da cidade. Quando estava escuro ou quando havia um nevoeiro espesso provocado pela poluição, as coisas eram fáceis. Mas hoje a noite estava límpida e a Lua estava cheia. Já antes, em noites como esta, tinha sido descoberto duas vezes por crianças que espreitavam das janelas dos seus quartos. Até agora conseguira safar-se, porque ninguém acreditara nas crianças quando estas contaram que haviam visto uma fada ou um rapaz voador, mas esta noite estava decidido a não correr nenhum risco.

O Artur chegou ao fim do espaço por entre os telhados e inclinou-se ligeiramente para a frente, sobrevoando o pátio de um grande estábulo e assustando o cavalo que lá estava, que relinchou ao vê-lo passar. O Artur ajustou a velocidade das asas e aumentou o peso. O cavalo fazia-o sentir-se desconfortável. Quando chegou ao extremo mais distante do pátio, voltou a voar mais alto, passando por cima de um enorme portão com espigões no topo. Atravessou um beco deserto, depois desceu uma rua estreita, flanqueada pelas traseiras de casas sem janelas, e chegou a outro muro alto. Cuidadosamente, ajustou o manípulo e elevou-se suavemente até conseguir ver

o chão do outro lado do muro. Era uma grande horta, banhada por feixes de luz suave vinda das janelas da casa. O Artur viu que uma das janelas estava aberta e ouviu vozes a falar alto, acompanhadas do matraquear de peças de dominó.

O jogo deve mantê-los ocupados!, pensou ele, enquanto voltava a olhar novamente para a horta. Contra a parede mais afastada da casa havia uma grande estufa envidraçada.

Olhou novamente para a casa, depois ergueu-se por cima do muro e dirigiu-se para a estufa, mantendo-se acima dos feixes de luz que vinham das janelas. Parou para descansar em frente da porta da estufa, desligando as asas e dobrando-as. Depois abriu a porta e uma suave corrente de ar quente e perfumado acariciou-lhe o rosto, numa mistura de odores — alguns eram-lhe familiares e outros não.

As formas escuras de folhagem variada enchiam a estufa, algumas suspensas do teto e outras trepando por fios quase invisíveis. À medida que ia avançando para o interior, o Artur reconheceu as folhas dos tomateiros, dos pepineiros e das videiras que caíam do teto.

Dirigiu-se para uma árvore que estava encostada à parede mais afastada, que apenas tinha ramos na parte superior, e viu um grande cacho de bananas a balouçar de um pequeno caule.

O Artur quase não conseguiu conter a felicidade. Arrancou uma banana do cacho, depois descascou-a e devorou-a em menos de nada. Quando acabou de comer, virou-se para trás e olhou para a casa. Nada havia mudado. Então levou a mão ao interior do corpo, por baixo das jardineiras, pegou num saco de rede e depois puxou avidamente o cacho de bananas. Não era

tão fácil apanhar o cacho inteiro como fora tirar uma única banana, e o Artur percebeu que teria de puxar com todas as suas forças. Mesmo assim, o cacho não se soltou e, desesperado, o Artur levantou os pés do chão e balouçou as pernas. Subitamente, o tronco dobrou-se, depois ouviu-se um forte estalido e o cacho de bananas caiu ao chão, juntamente com o Artur. Nesse momento, o tronco da árvore endireitou-se repentinamente, voltando à posição inicial, e bateu no telhado de vidro provocando um grande estrondo.

— Ei! Passa-se alguma coisa na estufa! — ouviu-se alguém gritar de dentro da casa.

O Artur levantou-se atabalhoadamente, pegou no saco de rede e espreitou pelos vidros da estufa. Ainda não havia ninguém no jardim. Apressou-se

a apanhar o máximo de bananas que conseguiu, enfiando-as dentro do saco a toda a pressa. Depois ouviu uma porta bater e o som de passos a aproximarem-se, e saiu a correr da estufa, encaminhando-se para a horta.



Correndo em direção a ele, por cima das filas de vegetais, vinha uma senhora muito gorda que empunhava um pau muito comprido. O Artur correu para um dos muros do jardim, batendo nos botões da parte da frente da caixa que levava ao peito e dando um grande salto. As asas abriram-se repentinamente e começaram a bater, mas não tiveram força suficiente para o levantar do chão, onde ele voltou a aterrar. O Artur gemeu — as bananas faziam-no pesar mais! Mas ainda não estava pronto para

as largar e voar para longe dali de mãos a abanar — as bananas eram demasiado preciosas. Continuando a segurar o saco de rede numa das mãos, agarrou a manivela da parte da frente da caixa com a outra e rodou-a com força. A velocidade das batidas duplicou imediatamente, transformando as asas numa mancha indistinta. No preciso momento em que a mulher chegou ao sítio onde ele estava parado, o Artur disparou para cima, quase na vertical. Furiosa, a mulher abanou o pau por cima da cabeça e, antes que ele conseguisse pôr-se fora do seu alcance, ela assestou-lhe um golpe tão forte nas asas que o rapazinho começou a rodopiar.

— Minha grandessíssima peste! Devolve-me as minhas bananas! — gritou a mulher.

O Artur agarrou-se à parte de cima do muro, para manter o equilíbrio, e depois ajustou rapidamente as asas e voou para o outro lado do muro.

Sentia-se completamente enjoado. Sair durante a noite para recolher comida era sempre arriscado, e nunca estivera tão perto de ser apanhado como desta vez. Precisava de encontrar um sítio sossegado, para descansar e recuperar do susto.

Quem me dera poder viver acima do subsolo, como todas as outras pessoas!, pensou.

Depois começou a voar por cima da cidade, percorrendo o caminho mais seguro que conhecia — voando por entre os telhados, subindo pelos becos mais escuros e atravessando pátios desertos —, até que, finalmente, chegou ao Salão do Queijo, que estava abandonado. Sabia que, aqui, estaria sozinho.

O Salão do Queijo fora o mais majestoso de todos os edifícios da cidade e apenas era superado em altura por algumas das chaminés das fábricas. Em tempos antigos,

fora a sede do Grémio do Queijo de Ponte do Rato, mas a indústria desaparecera e tanto o Grémio como todos os seus membros estavam arruinados. Agora o Salão estava todo entaipado e completamente deserto. As estátuas douradas, que em tempos haviam espalhado o seu brilho por toda a cidade, estavam enegrecidas pela mesma fuligem que havia envenenado o queijo.

O Artur aterrou no cimo do telhado e estava prestes a acomodar-se entre as estátuas quando ouviu um balido choroso. Intrigado, pôs-se atentamente à escuta, mas não ouviu mais nenhum som. Então pousou as bananas atrás de uma das estátuas, trepou para fora do seu esconderijo e voou para o plinto localizado no cimo do telhado, onde estavam fixados o cata-vento e o para-raios.

À sua frente espriava-se um panorama completo de toda a cidade e dos campos que a rodeavam, apenas interrompido pelas altas chaminés das fábricas. Lá muito ao longe, o Artur distinguiu a custo uma espécie de cortejo que se dirigia para os bosques, avançando sob a luz do luar, e pareceu-lhe ver um grupo de cavalos a perseguir qualquer coisa.